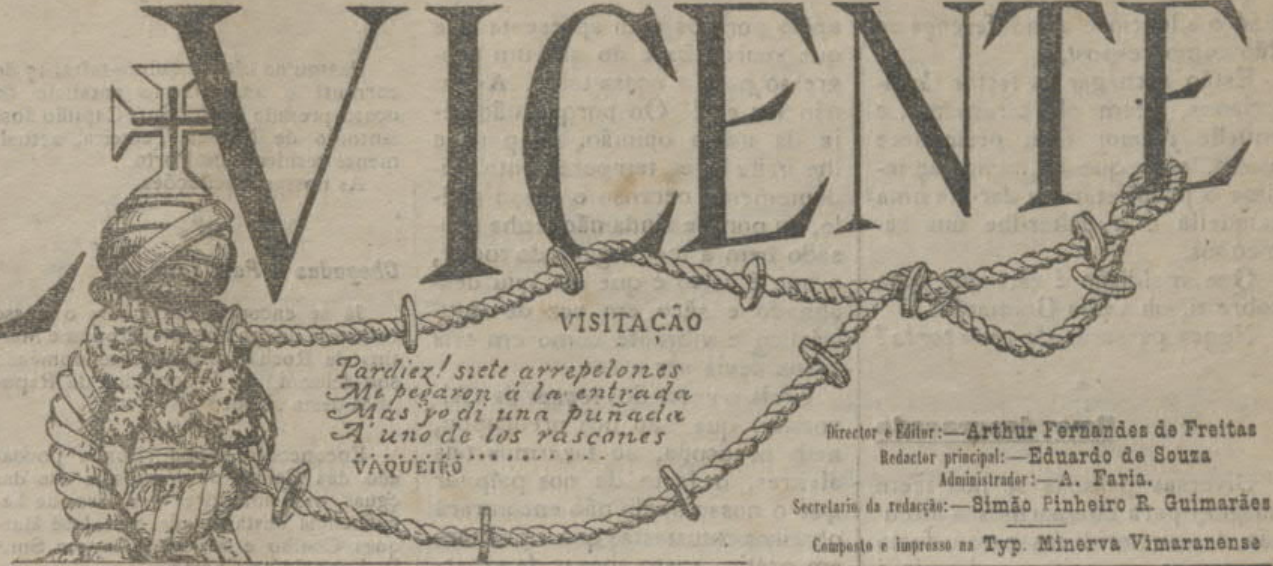




GIL VICENTE

Semanaio defensor dos interesses locais
(Humorístico, Litterario e Notícias)
Propriedade da Empresa "Gil Vicente,"
Redacção e Administração:
LARGO DR. SIDÓNIO PAES, 99 e 100



VISITACÃO
*Pardez! siete arropellos
Me pegaron a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los vascones*
VAQUEIRO

Director e Editor:—Arthur Fernandes de Freitas
Redactor principal:—Eduardo de Souza
Administrador:—A. Faria.
Secretaria da redacção:—Simão Pinheiro R. Guimarães
Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesse

QUE PARVOICE!

É difícil encontrar um povo como o nosso. Não há, com certeza, no mundo, mesmo entre os selvagens da Nova Caledónia ou de Bornéu, uma gente que tão pouco sinta as afrontas que lhe fazem nem receba com tamanha indiferença a notícia do pouco préstimo em que a tem os estrangeiros, como acontece com a gente de Portugal. É um povo único. É excepcional.

Entrou na guerra, porque quiz, naturalmente para despertar e fazer vibrar a fibra guerreira da raça e para mostrar ao mundo inteiro que em Portugal vivia ainda o sangue generoso doutras eras. Não pôz condições nem fez contratos, confiado na generosidade dos seus aliados, de cujas amarguras participou, para que no ajuste de contas o seu esforço fosse tido em conta e se não malbaratasse a valentia heroica de tantos dos seus filhos que nos campos franceses ficaram para sempre soterrados. Confiou em demasia e comeram no com desdramamento. E o povo português, que se bateu com denodo, que disse a amigos e inimigos que oito séculos de vida lhe não exgotaram a seiva que faz os heróis, não teve no momento em que se lançou na grande vertigem o discernimento preciso para avaliar o que eram a fria Albion e a outrora generosa França.

Na generosidade desta podia confiar, sem dúvida. A França heroica, foi sempre agradecida. Mas um povo que fô-se inteligente, devia lembrar-se de que as más companhias nunca fazem bem a ninguém!

É a França debaixo dum certo ponto de vista andou mal acompanhada. O egoísmo inglês corrompeu-lhe os sentimentos nobres. E as duas, na Conferência da Paz, trataram, acaudilhadas pelas outras grandes potências, de apanhar o mais que puderam, sem fazer caso dos pequenos. Repartiram as colónias alemãs, sem se lembrarem de nós. Lembraram-se, mas foi para aticar contra nós a Itália. Deram-nos Kionga, como prémio de tantos esforços.

E lembra-nos muito bem de que na ocasião em que as nossas tropas tomaram esse território, houve bandeiras, músicas, festas, enfim, como se fô-se uma coisa rica o que os nossos soldados tomaram. Contudo para celebrar a conquista de áreas e dumha bria cheia de pedregal, não era preciso tanto barulho. Mas nós sempre fomos como as crianças. Contentamos-nos com pouco. A questão magna é que esse pouco nos forneça ocasião de ouvir foguetes e músicas e o correspondente vivório. E palharam para aí, — com o fim propositado, é claro, de fazer convergir as simpatias para um homem que a estas horas medita, com certeza, na pouca conta em que o tem a avaliar, pelo caso que fizeram das suas palavras, — que a nossa vizinha nos ia restituir Olivença,

como se fôsse possível que uma Assembleia, onde os netros não têm assento, pudesse obrigar a Espanha a dar-nos aquella praça. Se não tiramos da guerra compensações territoriais, também as não tiramos de qualquer outra ordem.

A nossa situação ao sair da guerra é bem pouco invejável. Milhares de portugueses mortos ou mutilados e uma dúvida enorme sam-as compensações que nos deram pelo nosso esforço, e pela nossa abnegação que foi heroica. E que fez o nosso povo quando se viu assim ludibriado nas suas justas aspirações? Não fez nada. Ou antes, fez tolice. Esta está sempre no cérebro. Escolheu o catorze de Julho para celebrar a Paz. Dissemos que foi o povo quem escolheu, e não nos enganamos, porque estando, como realmente estamos, em regime de democracia onde o povo é quem manda, é por isso o responsável pelos actos dos seus governos. Escolheram os governantes o catorze de Julho para festejar a paz, mas por que motivo? Não o compreendemos.

O catorze de Julho é uma festa na França, e nós não vemos razão nenhuma para que o seja também entre nós. Lá festejam-no, porque veem nele o início da revolução. Os portugueses celebram-no agora também porque naturalmente o julgam o dia em que os tronos dos reis tremeram.

Os governos de Portugal, desde que a república nos governa, tem mostrado uma predilecção especial por tudo o que julga contrário às instituições monárquicas. Não vimos nós um desejo grande manifestado pela nossa gentilhão, de assistir ao julgamento de Guilherme II? E sabem qual foi a outra nação que também fez questão de assistir ao julgamento de imperador alemão? Foi a Sérvia. Isto é, as duas nações que mataram os seus reis a tiro, querem também agora ver se podem ver mais uma testa corada imolada aos desejos de tantos regicidas...

Mas nós entendemos que o Kaiser terá ainda coragem bastante para meter uma bala nos miolos, para se poupar ao desmembramento dessa comédia. Um povo, unicamente, tem o direito de o julgar: é o povo alemão. A não ser que voltemos aos tempos tenebrosos da antiguidade, em que o vencido ou era feito escravo ou imolado a Júpiter.

Mas voltando ao nosso assunto, diz-mos que não compreendemos a razão de ser da festa da Paz e para mais no dia em que foi feita! Nós, os portugueses, que fomos tratados como lópas pela Conferência de Versalhes, nunca devíamos festejar a Paz, porque não temos motivos absolutamente nenhuns para isso. A Paz nada nos deu e tudo nos tirou. Deixou nos arruinados, e quem sabe se sem concerto. Fomos comidos como parvos e daí a sem razão da nossa alegria. Ser comido e por ci-

ma ainda rir, é próprio de tólos.

Que nos importa a nós a tomada da Bastilha? Haverá muita gente em Portugal que saiba o que é isso? Parece-nos que não. A tomada da Bastilha representa o princípio da anarquia na Europa. E isto lhe basta para que a meia dúzia de portugueses que conhecem tal circunstância o festejem e levem os outros acorrentados a si.

Festejar a Paz? Só debaixo deste ponto de vista: haver terminado o derramamento de sangue.

Festejar o 14 de Julho? Não!

Jornal do Estio

III — Em dia de feira

Registo, com um guloso prazer de observador, as barbearias de viela, para os feirantes.

Cadeiras de mogno; o lavrador estirado; em frente o espelho com moldura de ouro e chuva de pela irreverencia das moscas, sob o qual a banca de marmore branco, atacada á parede, abre expondo a caixa de charão para pó de arroz, os numerosos frascos da bandolina vermelha, ainda o pequeno frasco da agua forte para inutilizar ou o acrescimo do cravo ou a dor violenta do queixal; a meio uma chocolateira com agua quente, e junto o peso de e sacramental pincel, com ranço no cabo de osso, cujas serdas recordam, no seu salinho abundante, um caracteristico bigode de guarda fiscal...

Uma vez sentado o feirante, reveste o até ao joelho uma farta toalha dos baptisados, guarnecida a renda de agulha.

Do tecto, para onde os olhos directamente se lhe dirigem, pendem os vasos de papel de seda, que a par de ornamentarem o estabelecimento, servem ainda para captar traiçoeiramente as simpatias das moscas.

E principia a operação. O official sacode o pincel para o soalho, ensaboa a gesto largo, poupa as suíças e o nariz, e termina corrigindo, com uma deda da grossa e de esforço, a ensaboadela dos labios.

Depois, erguendo a navalha, segue-se a conversa, processo porque se provoca, muitas vezes, uma oferta de vinho, qualquer cibo gordo pela altura das matanças, ou uma patuscada de frango de arroz por motivo de visita á propriedade do barbeado...

De repente entra o bigode em acção, e o feirante, de mãos cruzadas sobre a barriga, sente-se suspender pela ponta do nariz. A navalha, em geval optima, corta de cima, com incisão. De pois é o cerdo em volta das suíças, com a ajuda do dedo polegar, que suspende, do interior da boca, a bochecha caída, em ruína, sobre o travejamento arrazado dos maxilares. E passa-se á guela, cortada pelos suores, ao cimo da qual o queixo se amenina, estreitando, aguçado, para o alto. Mais uma revista larga, e o serviço está pronto.

Mas verdadeiramente, o prazer do feirante começa aí.

Ninguém, ao espelho, mais gostosamente se narcisa do que o ingenoso homem da aldeia. Tudo quanto o barbeiro lhe aplique o regalará. Poem lhe a agua de cheiro nas faces e o pó de arroz, que o obriga o soprar; segue-se o serviço da caspa, para que ele ergue, em cesto, tomando-a ás duas mãos, a toalha de linho com-rendas; e por fim, a bandolina aromatisa lhe o cabelo; um pente corrige lhe as suíças, a que o barbeiro chama harmonicis; orgulhando e enternecendo-o, a pontos de ele rir para si proprio, deante do espelho, como uma criança grauda, como a criança que sempre foi...

— Está geitoso!
E paga trinta reis.

Alfredo Guimarães.

Banditismo

Em que paiz vivemos? É Portugal, ou que diabo é? Então não pode já um jornal censurar o que é digno de censura e aplaudir o que é digno de aplauso? Não há já liberdade de imprensa? É preciso recorre á ameaça para abafar na garganta do jornalista a sua voz de protesto contra actos que a sua consciencia reprova? Não há uma constituição que garante a liberdade de pensamento? Não ha auctoridades constituídas para velar pela segurança disto? É preciso que meia duzia de novos trauliteiros entrem na redacção dum jornal para agredir um redactor, querendo assim fazer calar a voz da imprensa, que não aplaude, porque não pode, porque não deve, o acto repugnantissimo passado na Igreja dos Congregados?

O facto passado nessa igreja, e contra o qual protestamos com toda a nossa alma que é crente, que é catolica, envergonharia o regime se elle tivesse responsabilidades em actos de tal natureza. Essa acção repugnantissima, mais propria de feras que de homens, é sinal certissimo de que a intolerancia volta. É tal crime um sinal dos tempos. É um sintoma que faz calafrios. É o indicio de que uma parte da gente de Portugal perdeu tudo o que a nobilitou em todos os tempos.

A intolerancia politica rebaixa quem a pratica. A intolerancia religiosa é propria de espiritos curtos. Os fieis que a missa assistiam, faziam-no no uso dum direito de que por certo não abdicam. Eram monárquicos, mas o ser monárquico não é crime. Não foram á missa fazer um comico politico. Foram orar pelas almas daquêles que, vai em oito anos, cairam varados pelos balas da república em frente a Chaves, na defeza dum ideal que é nobre, como o sam igualmente todos os ideais.

Resar, é praticar uma acção nobilitante. A lembrança dos mortos dignifica. Os templos foram sempre respeitados. Os bárbaros designavam-nos logares de asilo. Isto, naquêles tempos que passa-

ram. Mas os novos bárbaros sam peores que os soldados de Atila ou Alarico. Não respeitaram o templo. Não respeitaram senhoras. Não respeitaram a liberdade de pensamento. Violaram a constituição da república. Cometeram um crime que envergonha o regime se o não punir com rigôr.

E porque um jornal o censura, acometem a tiro um jornalista. Em que paiz vivemos? Volta o terror dos insectos doutros tempos?

Ao valente e destemido diário «O Debate» os protestos da nossa viva solidariedade. Aos auctores da proesa o nosso desprêso mais absoluto.

REPAROS...

As avessas...

No cortejo que segunda feira passada atravessou as ruas da cidade—cortejo que se caracterizou pela mais absoluta indiferença e por uma completa falta de entusiasmo, que, se não fossem os accordes das musicas mais pareceria um enterro com acompanhamento—notou-se uma coisa muito engraçada e que vem confirmar a noção que nós temos d'estas festanças chamadas patrioticas, que antepõem sempre a ideia politica, que em taes caso devia ser aliçada para longe á ideia da Patria que se pretende glorificar ou a quem se querem dirigir as nossas saudações.

Assim aconteceu na passada segunda feira: festejava-se a Paz, e no entanto mais parecia que se glorificava a Republica.

A figura da Paz que no carro allegorico devia ir no seu lugar de honra, coitadinho!, ia nas trazeiras, com a coroa de oliveira na cabeça (ia a apostar em como a estiveram para a collocar antes na Republica) e muito arrelhiada por lhe darem tão secundario logar.

Porem, oh coisa infallivel e certa!, a ideia politica—a figura da Republica—que alli nada tinha a fazer, pois se tratava de uma festa patriotica em que tanto se poderiam incorporar monarchicos como republicanos, como independentes, lá ia no logar principal, na frente do carro, n'um sitio que não lhe pertencia, visto que não era á Republica que se dirigiam as homenagens d'aquelle dia, mas sim á Paz dictada pelos aliados.

Em Portugal estraga-se sempre tudo: e mais do que isso,—triste é reconhece-lo—faz-se sempre tudo ás avessas.

O tal predio

O soberbo edificio de S. Damazo, continua na mesma, sem que até hoje os senhores camaristas tenham ligado importancia de maior ao assumpto. Positivamente esta terra tem uma sina desgraçada, tem uma gallinha de seiscentos milhões de diabos...

Berra-se, grita-se, barafusta-se,

e só o silêncio e a indiferença se dão como resposta.

Estão a chegar as festas Gualterianas, vêm ah! forasteiros, e aquelle primor fica, permanece assim, sem que ao menos se intente o proprietário a dar-lhe uma caiadella e a deitar-lhe uns remendos.

Que maldição é esta que pesa sobre ti, oh velha Guimarães?

Nunca passarás da *cépa torta!*

Uma desgraçada

Diversas pessoas se nos tem dirigindo para chamarmos a atenção das auctoridades para o facto de passar as noites a dormir á porta da igreja da Misericórdia uma pobre mulher...

Realmente é triste que havendo um albergue n'esta cidade, não se tenha tratado de dar ahí agasalho á essa desgraçada.

Para o caso chamamos a atenção devida.

Um "toque,"

A «Alvorada», n'um dos seus toques do último numero, acerca d'um local que no numero passado publicamos a proposito das touradas (que ella diz tem realizar-se, porque já andam os senhores empenhados na praça em negociações, com o que muito folgamos), diz que nós, seus accusadores, teremos de engulir de Cambrone... á phrases!

Oxalá se torne n'um facto o que a «Alvorada» nos diz acerca da realização das corridas; n'esse caso não poremos duvida em engulir a phrase de Cambrone (palavras nunca engasgaram ninguém), deixando... a substancia ao auctor do «Marrando».

Banhos ao ar livre

Contaram-nos ha dias o estranho facto de haver creaturas que se vão banhar, em plena luz do dia, ao tanque que fica situado á rua 31 de Janeiro.

Não havia meio de acreditarmos em tão estupendo caso, eis senão quando um cá da redacção passando por acaso áquella rua teve occasião de presenciar tão edificante espectáculo.

Só então acreditamos.

E' que por muito baixa que ande a educação popular, por muito entretidas que andem as nossas auctoridades, e por coisas muito extranhas que tenhamos visto, isto ultrapassa todos os limites e não pode achar com facilidade uma explicação.

Em pleno estado de nudez, em pleno dia de sol, em plena cidade que se diz civilizada dão-se casos d'este quilate sem que intervenha quem de direito deva intervir.

Irra! Isto será Africa, Marrocos, ou Portugal?

Tribuna independente

Referindo-se ao nosso apelo para que entre nós seja instituido um albergue nocturno, diz a «Alvorada» em um dos seus gratiosos toques, que fala ao coração a ideia por nós repisada no «Gil» e pergunta onde haverá obreiros capazes de a pôr em prática. Penhoradissimos com o ar moqueur e indiferente do retumbante toque que, saído da «Alvorada», nos deveria trazer sempre a esperança de um ridente dia (e não traz!), nós que estamos dispostos a ficar ao menos na boa vontade que o colega da «Alvorada» nos reconhece, apenas lhe diremos que o «Gil Vicente», sempre disposto a defender interesses e progressos para a nossa terra, mais feliz seria ainda se encontrasse na collega «Alvorada» a boa vontade de fazer vibrar o seu retumbante clarim com um toque que correspondesse á nobreza e proficuidade do

apelo por nós aqui apresentado e que mais não é do que um progresso para a nossa terra. Assim não fez ele! Ou porque não seja da nossa opinião, ou porque lhe irrite o seu temperamento evidentemente nervoso o nosso apelo, ou porque ainda não tenha passado bem a madrugada do toque, o que é certo é que elle saiu desafinado e secco em vez de entusiasmado e vibrante como em tais casos devia ser.

Creia o autor dos toques da «Alvorada», que não nos preocupou, nem preocupa, ao fazermos tais alvites, o facto de nos palpitarem o nosso apelo não encontrará obreiros entusiastas que o ponham em prática e isso apesar de sabermos que em Guimarães poucas coisas são duradouras. Nós que, apesar de novos, já comprendemos de algum modo a missão do jornalista, apelamos, alvitamos, defendemos o que a nossa razão reputa justo e esperamos... São coroados os nossos esforços? Sentimo-nos felizes. Não o são? Felizes nos sentimos igualmente, porque fizemos bom jornalismo.

A ideia do albergue devia encontrar eco em todos os corações vimaranenses. Aqui, como em outra qualquer terra da nossa importância, pode e deve haver obreiros para ella. Desânimos, nunca!... Outras terras, com menos importância do que a nossa, o possuem. Porque não have-mos nós de o ter? Não progredim entre nós uma Officina de S. José, uma Conferência de S. Vicente de Paulo e uma Sopa Económica?

Além disso, obras destas nem sempre são, nem devem ser propriedade particular ou civil.

No estrangeiro os albergues são, na sua grande maioria, propriedade dos municipios.

Mas o apelo aí fica enquanto que, de noite, á porta das igrejas e ás esquinas das ruas, se presenciavam scenas que nos desonram.

Será sempre nosso intento defender o bem e a justiça e nunca esta secção será occupada por chantages jornalísticas.

Cassandro.

Recordações da Bastilha

Um beijo...

a Maria Clara

Pedi-te um beijo e tu, amor, fugiste,
— Fugiste ao meu pedido sacrosanto:
Deixaste na minha alma a dor e o pranto
Tornando-me entre todos o mais triste...

Fugiste, ingrata! e nem sequer sentiste
Que me roubaste o olhar, a graça, o canto...
— Que me roubaste tudo o que em mim vivia
Em horas cheias de suave encanto!

Fugiste, sim, fugiste. Ah! mas... embora,
A virginal recordação d'essa hora
Mitigará a dor que me deixaste...

E esse beijo d'amor, que me não deste,
Envolto n'uma lágrima celeste
Dar-me-há, um dia, o que hoje me roubaste!

MARQUES MENDES.



Anniversarios

Durante esta semana fazem annos as Ex.^{mas} Snr.^{as}:

- Dia 21—D. Anna Candida Ribeiro da Silva Martins.
- » — D. Aurelia da Gloria Araujo Dantas.
- » 22—D. Virginia Correia Leite de Almada Pinto.
- » 25—D. Michelina de Jesus Teixeira Aguiar.
- » — D. Maria da Conceição Rainha.
- » — D. D. Maria das Dores Costa Rainha.
- » 26—D. Albina Carolina Vieira Sampaio Castro e Almeida.
- » 27—D. Rachel Maria da Silva Correia.

E o Snr.:
Dia 21—Dr. Luiz Martins de Queiroz Montenegro.

— Parabens.

Passou na ultima quinta-feira, 17 do corrente o anniversario natalicio do nosso presado amigo Snr. Capitão José Antonio de Novaes Teixeira, actualmente residente no Porto.
As nossas felicitações.

Chogadas e Partidas

Já se encontra entre nós o nosso estimado amigo Snr. Dr. Jeronymo Martins da Rocha, ultimamente nomeado sub-delegado do Procurador da Republica desta cidade.

Encontra-se na risonha povoação das Galdas de Vizella, a uso das cguas, os benfeitores das casas de beneficencia desta cidade, Snr. José Marques Coelho e sua Ex.^{ma} esposa Snr.^a D. Leopoldina Coelho.

Parte nos fins de Agosto para o Rio de Janeiro, onde vai dedicar-se á vida commercial, o Sr. Antonio Dias Ferreira. Boa viagem e felicidades.

Doenças

Guarda o leito um tanto enfermo o nosso presado amigo Snr. Augusto Pinto Areias, considerado negociante desta praça.
Desejamos-lhe rapidas melhoras.



Por Guimarães

Armando Luciano Guimarães

Missas

Esteve muito concorrida a missa do 30.^o dia, que a familia do saudoso extinto e nosso chorado amigo, Armando Luciano Guimarães, mandou celebrar no passado dia 12 do corrente, na Capella de S. Francisco.

No final do religioso acto foram distribuidas esmolas pelos pobres que a elle assistiram.

A redacção do «Gil Vicente», de que o finado foi fundador conforme convite feito no ultimo numero, mandou tambem resar uma missa no passado domingo na igreja de S. Pedro, pelas 11 horas da manhã, por alma d'aquelle que foi um amigo sincero e um leal companheiro e que hoje repousa na paz dos justos dormindo o sono da eternidade.

No religioso acto fez-se representar a Juventude Catholica com o seu estandarte coberto de crepes.

Além da familia do finado assistiram bastantes pessoas das suas relações e do pranteado morto.

No final foram igualmente distribuidas esmolas pelos pobres que assistiram á missa.

Pedido de casamento

Pela Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria da Conceição Lobo Machado d'Abreu Coutinho, foi ha dias pedido em casamento, para seu irmão, o nosso dilecto amigo, Snr. Paulo Lobo Machado Cardoso do Amaral de Menezes, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Joanna de Souza Correia de Almada (Viamonte da Silveira), prendada filha do Snr. Visconde de Viamonte e irmã do nosso intimo amigo, Snr. Francisco de Souza Correia d'Almada (Viamonte da Silveira).

O enlace matrimonial deve realizar-se por todo o mez de Setembro proximo.

Aos sympathicos noivos desde já enviamos os nossos parabens, desejando-lhes um futuro feliz.

Emprestimo Inglez

4 % Funding 1960/90

Emissão a 80 %

Obrigações da Victoria

a 85 %

Resgataveis por sorteio anual

Estes empréstimos são livres de imposto de rendimento para os estrangeiros não residentes em Inglaterra.

Recebem-se subscrições na Filial do

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO em GUIMARÃES

«Jornal de Abrantes»

Este nosso presado collega de Abrantes, deu-nos a honra de transcrever no seu ultimo numero, a *Tribuna Independente*, do nosso estimado collaborador *Cassandro*, publicada em 13 do corrente.

Agradecemos.

Dr. Manoel Justino

Encontra-se gravemente enfermo, em Cabeceiras de Basto, onde está ao serviço de in pecces militares, o Snr. Dr. Manoel Justino do Valle e Vasconcellos, illustre Deputado por este circulo.

Fazemos votos pelas suas rapidas melhoras.

Transferencia

Foi transferido para o lyceu da Horta o distincto professor do Lyceu Martins Sarmiento, Snr. Dr. Alfredo Dias Pinheiro.

Dr. Raul Alves da Cunha

Reassumiu o seu cargo de Delegado do Ministerio Publico nesta comarca, o Snr. Dr. Raul Alves da Cunha, que havia sido suspenso por ordens superiores.

À Paz

Por iniciativa da Camara Municipal, comemorou-se festivamente no dia 14, n'esta cidade, a assignatura da paz, com o seguinte programma:

De manhã, alvorada pelas bandas «Nova Philarmónica Vimaranense» e «Boa União».

Ao meio dia novamente estas bandas percorreram as ruas da cidade.

A tarde, pelas seis horas, sahiu do Proposto um cortejo civico, em que figurava um carro allegorico, dirigindo-se ao quartel de infantaria 20, onde discursaram os srs. dr. Alfredo Fernandes e tenente coronel Duarte Amaral.

Em seguida, realisou-se a annunciada sessão solemne no theatro D. Affonso Henriques, a que presidiu o sr. general Antonio Emilio de Quadros Flores, secretario pelos srs. Simão da Costa Guimarães e A. L. de Carvalho. Usaram da palavra os srs. general Flores, Dr. Alfredo Dias Pinheiro, dr. Alfredo Fernandes e A. L. de Carvalho, sendo no fi-

nal dos seus discursos muito applaudidos.

A noite houve concerto no jardim publico pela banda de infantaria 20, achando-se este illuminado ligeiramente, produzindo no entanto um bello effeito.

Durante o concerto foi queimado variado fogo de artificialio.

Joaquim Crespo

Victimado pela bronco-pneumonia, com 22 annos ainda incompletos, finou-se na passada 2.^a feira nas Galdas das Taipas, o Snr. Joaquim Ribeiro Silva Crespo, alumno do 6.^o anno do lyceu Martins Sarmiento e filho tambem do já fallecido Snr. Manoel José Crespo.

O enterro que se realizou na passada 4.^a feira, foi muito concorrido, desta cidade, e de Braga, onde o finado era muito querido devido ao seu bom coração e ás suas bellas qualidades.

O cadaver que repousava em um rico caixão forrado de setim branco, foi coberto pela bandeira do Pensionato Academico Bracarense de que o extinto foi alumno.

Fezheu o caixão o Snr. Guido Frederico, que junto da sepultura pronunciou um discurso que commoveu todos que estavam presentes.

A representar o Pensionato Escolar Bracarense veio assistir ao funeral o Snr. Manoel Torres Ferreira.

A familia em lucto os nossos sentimentos.

BERINGEL

Vende-se esta linda vivenda situada num dos pontos mais saudaveis de Guimarães.

Produce muito e bom vinho, magnificas hortaliças e muitas fructas.

Tem agua propria e muitas ramadas.

Para tratar com o solicitador Francisco de Faria-Guimarães.

DINHEIRO

Da-se por hypotheca e compram-se predios.
Solicitador Pimenta.